

VOLUME 4
NÚMERO 2
JUN/2020
ISSN 2596-0849

Edição Especial


CAUS
CULTURAL

BOM JESUS

Povo batalhador,
polo educacional e
agronegócio

 Página 2

Tiberão e
Cori-Sabbá,
uma paixão
pelo futebol

 Página 7



LABORATÓRIO
DE LEITURA E
PRODUÇÃO
TEXTUAL



Editorial

A 14ª edição da Revista Cais Cultural (edição especial), projeto do Laboratório de Leitura e Produção Textual (LPT/ CNPq) em parceria com os alunos do 3º ano do Colégio Técnico de Floriano (CTF), aborda a formação da cidade de Bom Jesus, no estado do Piauí, com as suas influências religiosas e políticas, e como se tornou cidade referência na produção de grãos e um excelente polo educacional, possuindo o maior número de doutores por habitante. Além disso, temos a história do estádio Tiberão e a fundação do Cori Sabbá, com relatos de torcedores e profissionais que acompanharam o crescimento do tradicional time florianense. Para finalizar, depoimentos de estudantes do 3º ano de agropecuária e informática do Colégio Técnico de Floriano de 2019, retratando sua experiência com o projeto Cais Cultural.

Expediente

criação e concepção
LPT e 3º ANO DO ENS. MÉDIO

EDITOR

José Ribamar Lopes Batista Jr.

REPORTAGEM

Antonio Rômualdo da Costa Neto
Arquires Gomes dos Santos
Izabella Maria Guimarães Benvindo
Luiza de Oliveira Caminha
Maria Eduarda Silva Miranda
Pedro Rubens Ferreira Sousa

FOTOGRAFIA

Jarod Mateus de Sousa Cavalcante

DICAS

Maria Eduarda Silva Miranda
Pedro Rubens Ferreira Sousa

REVISÃO

José Ribamar Lopes Batista Jr.
Denise Tamaê Borges Sato
Sandro Xavier

DIAGRAMAÇÃO

Romano Rocha

CONTATO

caisculturalctf@gmail.com
89 98125-8251

Editora da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
espaço Rosa dos Ventos - Ininga
CEP: 64.049-550 - Teresina Piauí

PERIODICIDADE
Trimestral

Bom Jesus e o desenvolvimento da região do Cerrado

Bom Jesus é um município do estado do Piauí localizado a 635km da capital Teresina, com uma população de aproximadamente 23.823 habitantes e área territorial de 5.469,156km². A cidade possui um relevo bastante irregular e acidentado, apresentando ladeiras e encostas, em grande parte formado por chapadas de altitude e pequenos planaltos, nos quais se situam as principais áreas de cultivo do milho e da soja. A cidade possui um clima tropical com características sazonais e uma ótima precipitação pluviométrica, o que favorece o cultivo de grãos, que são os principais responsáveis pelo desenvolvimento econômico do município.

Na região, o principal recurso hídrico provém do Rio Gurgueia, importante afluente do Rio Parnaíba. Hoje, aproximadamente 430 mil hectares são cultivados com soja, arroz e algodão nessa região, considerada a última fronteira agrícola do Brasil. A partir da década de 1990, a cidade recebe produtores de grãos do Sul do Brasil, do Uruguai e do Paraguai para cultivo de soja nos cerrados do Piauí, principalmente em Bom Jesus, o que fez a região despontar economicamente, apresentando alguns problemas naturais de cidades pequenas que, de repente, passam por um processo de crescimento acelerado.

A formação da cidade, a influência da religião e o processo político

Em 1801, Nicolau Barreiros, devoto do Senhor Bom Jesus da Boa Sentença, chegou e fixou residência na região.



Com sua visão profética, ergueu, em honra ao santo, uma capela de palha às margens do Riacho Grotão. Ele denominou o local de Buritizinho, motivado pela existência de um tipo de palmeira chamada buriti próximo ao local escolhido para a construção da capela (onde hoje se encontra a Igreja Matriz). Em seguida, começou a celebrar novenas em homenagem a Bom Jesus da Boa Sentença. Imediatamente os festejos atingiram grande quantidade de devotos, o que gerou um grande desenvolvimento comercial e, consequentemente, a fixação de famílias no entorno da capela. Antes de falecer, Nicolau fez doação de um terreno para formação do patrimônio.

Com a rápida ascensão de destaque do aglomerado de residências ao redor da capela, em 1804 foi criado um comando militar para manutenção da ordem pública. Portanto, da iniciativa e da visão desse profético senhor, nasceu a cidade de Bom Jesus, que recebeu esse nome em homenagem ao Senhor Bom Jesus da Boa Sentença, que hoje representa um eixo em torno do qual gira a economia agrícola de todo sudoeste piauiense. Dizem os historiadores que Nicolau Barreiros (ou Barrente) era de família humilde, até mesmo descendente direto de escravos africanos.

Bom Jesus teve suas primeiras aglomerações humanas ainda no século 18. De





lá para cá, a cidade foi se desenvolvendo. A construção da igreja, em 1838, fez com que a cidade tivesse mais visibilidade religiosa, fazendo parte, também, da sua fundação, no século 19, em 1855. Ainda no mesmo século, 20 anos depois, teve sua comarca fundada em 1875 e extinta em 1902.

Sua emancipação ocorreu em 1938, tendo, antes disso, eleições para intendente, vice-intendente e conselheiros municipais. Desde as épocas do período conhecido como República Velha e antes mesmo de ser emancipado, Bom Jesus já tinha uma população com mais de 4 mil pessoas. Durante sua emancipação, devido ao golpe de 1937 dado por Getúlio Vargas, os prefeitos eram nomeados. A população bom-jesuense, com isso, só teve direito ao voto para prefeito em 1948, quando elegeu Francisco da Cruz Filho, conhecido como Dr. Cruz.

Um tempo depois, Bom Jesus teve sua energia elétrica. Foram instalados 60km de rede elétrica na pequena cidade do sul do Piauí. Além disso, teve seu desenvolvimento e governança política disputados entre dois partidos: PSD e UDN (atual PSB), que, ao longo de toda a história, disputaram a vaga da prefeitura.

No final do século 20, em 1996, teve início o desbravamento do cerrado da Serra do Quilombo para produção de soja. Em 1998, o então prefeito, Ademar Benvindo, realizou a 1ª Festa do Arroz na Serra do Quilombo, com

o objetivo de divulgar a produção e atrair investidores para a região. O plano deu certo e conseguiu energia elétrica (60km), e a construção da ladeira de acesso à Serra, além de isenção do ITBI para os produtores que viessem a se estabelecer como proprietários, contribuindo ainda mais para o crescimento da cidade.

Em 2005, a Serra do Quilombo tornou-se o maior centro de produção de soja do sudoeste piauiense, contribuindo fundamentalmente para o desenvolvimento do município nos setores de comércio, indústria e serviços, sendo considerada uma das áreas mais produtivas da região do Sul do Piauí. Apesar de uma colonização recente, a Serra conta hoje com cerca de 50 propriedades com tamanhos que variam de mil a 10 mil hectares e uma infraestrutura moderna. A soja é o principal produto cultivado, mas o milho já aparece como uma alternativa para a diversificação e a rotação de culturas. A cidade de Bom Jesus já se tornou o principal ciclo comercial na zona dos cerrados devido a sua localização geográfica, com as linhas rodoviárias.

Chegada dos gaúchos e fortalecimento da agricultura

A colonização do cerrado ganhou fôlego a partir de 1994, com a vinda dos primeiros produtores rurais gaúchos para o município de Bom Jesus. A economia da cidade girava em torno de agricultura de subsistência e dos empregos na esfera pública.

A cidade, antes da agricultura, era bem precária. Com a chegada de novos povos, como os gaúchos, que atualmente se destacam no investimento da produção de grãos, houve uma grande contribuição para o processo de crescimento e desenvolvimento da região. Hoje em dia, o município de Bom Jesus já registra avanços importantes nas áreas de educação, saúde, cultura, lazer e, principalmente, na melhoria de renda da população devido às grandes oportunidades obtidas por esse processo de evolução da cidade, que se deu, em grande parte, pela agricultura.

Percebe-se que a tendência é melhorar ainda mais as condições do município com o surgimento e o investimento de grandes empresas, gerando novas oportunidades e fontes de renda para a cidade.

Polo Educacional

Não só a agricultura possibilitou o crescimento da cidade de Bom Jesus. A cidade também tem atraído pessoas de vários lugares do país, especialmente, por conta da presença de instituições de ensino superior. A Universidade Estadual do Piauí, construída em 2000, e a Universidade Federal do Piauí, implantada em 2006, também fizeram parte do processo de crescimento habitacional do município, trazendo estudantes de outras cidades vizinhas para integrarem-se aos mais variados cursos ofertados, principalmente na área de

agricultura e pecuária.

Esses investimentos nas universidades públicas trouxeram à cidade de Bom Jesus um bom desempenho na área da educação, tornando-a uma referência no estado, como comprovou uma pesquisa feita pelo Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, em 2015, que constatou que a cidade possui um doutor para cada 306 habitantes. O município ainda possui duas faculdades privadas e Biblioteca Municipal Silvina Rosal Santos, conforme a lista do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, que fica situada na Rua Arsênio Santos. Além disso, destaca-se o Colégio Técnico de Bom Jesus, desde 1982, na oferta de cursos nas áreas de agropecuária, enfermagem e informática.

As manifestações artístico-culturais

A consolidação de grandes festivais de cultura é uma das melhores formas de incentivar os artistas piauienses e o povo a ter acesso às suas próprias raízes. É de grande importância a preservação das raízes históricas de um município e a cidade de Bom Jesus não fica de fora quando o assunto é manifestações culturais. Em 2007, surgiu o Festival da Rabeca, uma das mais importantes festividades da cidade que se popularizou e ganhou destaque, sendo realizado pela Associação de Filhos e Amigos

de Bom Jesus, com o apoio do Governo do Estado do Piauí, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). O evento nasceu para valorizar a rabeca, instrumento muito utilizado no Piauí, promovendo um encontro de gerações com uma vasta programação de shows, oficinas, espetáculos de teatro e humor que ocorrem no teatro da cidade. Toda essa festança tem como objetivo ocupar o patrimônio cultural da cidade e reunir os moradores do município celebrando a cultura de Bom Jesus.

Outra grande referência na cidade onde ocorre parte das manifestações culturais é o Teatro Alard, inaugurado em 2018 com o intuito de incentivar a formação dos artistas da região. Foi construído pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), possuindo capacidade para 200 pessoas. O nome do teatro faz referência ao Aprendizado Livre de Arte Dramática, o primeiro grupo de teatro da cidade. Está localizado ao lado do Espaço Cultural Joaquim Carlota. O Teatro Alard ainda contém alojamentos e dois camarins para os apresentadores. Uma tradição que marca a cidade de Bom Jesus no mês de setembro é a realização da festividade da Nossa Senhora das Mercês, e em junho ocorre a programação do Festival Junino do Vale do Gurgueia, realizado pela

Prefeitura Municipal de Bom Jesus por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura.

Recentemente a cidade vem se destacando pela realização do Salão do Livro de Bom Jesus (SaliBom), organizado pela Universidade Federal do Piauí em parceria com a Fundação Quixote e a Secretaria de Cultura do Piauí (Secult). O SaliBom já pode ser considerado o maior evento literário da Região do Cerrado e um dos maiores eventos culturais realizados no Piauí, demonstrando a força da cultura local e a valorização da educação por parte da população em geral e do poder público.

Pontos Turísticos

Atualmente o município possui duas agências de turismo, inauguradas em 2019, que servem para comercializar pacotes turísticos para quem deseja visitar os pontos principais da cidade que se destacam pela beleza que chama atenção de vários turistas. Dentre os quais, destacamos:

- Salão da Serra - faz parte da paisagem de Bom Jesus, visto que a cidade foi construída próxima à serra e serve de cenário para a encenação da Paixão de Cristo na época da semana santa. Além de ser um local onde as pessoas costumam fazer trilhas e caminhadas.



- Cânions do Viana - conjunto de rochas que foi rota para última edição do Rally dos Sertões.
- Balneário Barra Verde - nasce na altura do povoado Corrente dos Matões. É o maior afluente do Rio Gurgueia, cruzando a BR 135 – que liga o Piauí ao sul do Brasil. Bastante utilizado como ponto de banho com água corrente e fria para os bom-jesuenses.

Histórias marcantes

A história de Bom Jesus também se confunde com a de muitas pessoas marcantes, como a Dona Maria de Lurdes, que batalhou bastante durante a juventude ajudando seu pai e mantém intacta a igreja construída por ele. O senhor Aurélio, que presenciou o desenvolvimento político da cidade e conta histórias de amor surpreendentes. Além do senhor Pedro de Sousa Brauna, que mostra o quanto a cidade desenvolveu ao longo dos anos.



Dona Maria de Lurdes Ferreira Batista, com seus 103 anos e lúcida, sempre teve uma vida bem religiosa. Ela conta nos dedos todos os padres que passaram por Bom Jesus, e afirma que antigamente a cidade possuía apenas uma igreja (a Matriz). Ela conta que Dom José foi um padre que colaborou muito com o crescimento da cidade. Dona Lourdes fala, também, que ele fundou um seminário na cidade, ação que



colaborou para o seu crescimento. Um fato inusitado e surpreendente é que Dona Lurdes tem uma igreja no terreno de casa. Ela foi construída pelo seu pai, João Batista, nascido no dia do santo, criando assim uma afinidade muito grande com ele, levando em consideração que sua mãe já era devota de João Batista. Destino? Talvez. Então, ele construiu sozinho uma igreja para o santo em 1933. Na época, seu João trabalhava de dia como marceneiro para sustentar a família e à noite trabalhava até meia-noite, sozinho, na construção da igreja. Depois de pronta, todo ano ocorriam os festejos entre 15 e 24 de junho, tradição mantida pela família até hoje. Durante a celebração, Dona Lurdes entoava os cantos e as orações em latim (fazemos aqui o registro de ouvi-la entoar a ladainha e outros cantos, deixando-nos maravilhados e encantados).

Dona Maria de Lurdes ainda nos contou que seu pai, como marceneiro habilidoso, entalhou as imagens que tem na igreja, incluindo a imagem de João Batista, que foi feita por ele a partir de um quadro que ganhou de sua mãe. Já os castiçais foram comprados no Rio de Janeiro.

Outro fato curioso foi que o sino da capela, comprado em 1936 em Juazeiro da Bahia por 60 mil reis, foi roubado e enterrado próximo a um açude. Ele foi encontrado por algumas crianças brincando nas proximidades, que saíram tocando-o. A notícia chegou aos ouvidos da família e eles foram buscar de volta o sino. Como profissões, dona Lurdes lavou e cozinhou muito, tanto que aprendeu fazer diversos pratos de que não lembra o nome. Cozinhou muito para bancários da Bahia que moravam na cidade, principalmente uma comida baiana, o vatapá, que segundo os bancários era melhor que o de lá. Sobre lavar e passar roupa, conta que trabalhou para Dom José e o seminário por 23 anos e 4 meses, um dos motivos para ela conhecer muito bem a história religiosa da cidade, lavava roupa em riachos muito limpos da região. Dona Maria se casou uma vez, seu ex-marido a maltratava e ela se separou ainda grávida de uma menina, Rosa Maria, que atualmente mora no Rio de Janeiro. Ela morou em muitos lugares em busca de emprego, como Teresina (onde sua filha nasceu), São Luís e São Pedro do Piauí, todas essas cidades lavando e cozinhando.



Aurélio Coelho Rosal (77), atual chefe de Gabinete da Câmara Municipal de Bom Jesus, saiu da cidade aos 20 anos, época em que seu pai era candidato a prefeito da cidade. Ele passou um tempo morando fora, e relatou que sempre teve um espírito

aventureiro. Tempos depois, quando seu pai foi candidato novamente, recebeu o convite dele para voltar e ajudá-lo na campanha. Na época, o partido de seu pai era o que mandava na cidade. Sendo assim, seu pai foi eleito novamente, junto com a maioria dos vereadores que o apoiavam. Depois da eleição e antes da posse, a concorrência contratou um vaqueiro da região para matá-lo em uma emboscada, na qual de cima de um pé de manga ele atiraria no pai de seu Aurélio. Quando a notícia chegou aos seus ouvidos, que na época estava morando em São Paulo, resolveu que estava na hora de voltar para o Piauí.

Ele chegou de surpresa, sabendo que seu pai estaria em Floriano, porque também era comerciante e possuía um caminhão que usava para transportar mercadoria. Voltando com seu pai para Bom Jesus, disse que havia retornado somente para resolver a tentativa de assassinato contra ele, sem saber que seu pai já tinha resolvido o problema tirando a história a limpo na casa do mandante, chamando-o para um desafio. Entretanto, seu oponente não aceitou o convite, pois estava travado de medo. Com a confusão, juntou-se um aglomerado de pessoas, que conseguiram convencer o pai dele a não matar o concorrente.

Assim que seu pai tomou posse, Aurélio, já formado e experiente, ganhou um emprego de abrir estradas na região, depois foi convidado para ser professor em uma escola renomada na cidade. Como ele era fascinado por história, assumiu a matéria e mais tarde começou a dar aulas de geografia e OSP (organização social e política) com cerca 21 anos de idade. No final do ano letivo, em um baile popular da época, uma aluna do 3º ano lhe

disse: "Professor, soube que o senhor é poeta", ele respondeu: "Não, escrevo uma vez ou outra". Ela fala: "Acredito que o senhor é poeta se o senhor escrever um verso agora, neste minuto". Aurélio perguntou o nome dela e ela respondeu: "Cinobelina, mas prefiro que me chame Cinobe". Assim, arrumou um papel e escreveu a seguinte poesia em forma de acróstico:

*Cumprindo a sorte e o destino meu
Idolatrei teu ser com toda minha alma*

Não poderei mentir que não te quero bem

O coração não mente e nem sabe enganar

Bate com mais força quando penso em ti

Este é meu dilema, sei que vou te amar

Quando recebeu a poesia, ela ficou pasma, depois de certo tempo de conversa, os dois resolveram se encontrar e, na hora de ir embora, quando ela se virou, ele lhe deu um beijo no pescoço, mas algumas pessoas viram, incluindo seu pai, que era concorrente político do pai dela. Então a proibiram de sair de casa, podendo ir somente para a igreja e para a escola. Como ele era professor, eles acabavam se encontrando e namorando.

A família de Cinobe resolveu mandá-la para o Rio de Janeiro quando acabasse o período letivo. Então o casal decidiu fugir. Aurélio entrou em contato com um amigo e pediu a sua picape emprestada, que a levasse no domingo à noite à beira do rio, onde eles iriam pegar o carro. Então foram para a cidade vizinha Cristino Castro. Chegando lá, foram falar com a tabeliã para fazer seu casamento. Então a tabeliã perguntou: "Quantos anos tem a moça?". Ela respondeu "17". A tabeliã falou que menor de

idade só se poderia se casar com autorização dos pais. Assim eles foram para um hotel da cidade e ficaram em um cômodo da frente. Quando a fome bateu, ele saiu do quarto e não tinha mais ninguém, pois a dona soube quem era a moça e que sua família era perigosa, e já que ele estava armado com um revólver calibre 38, 50 balas e um punhal, acharam por bem deixar somente os dois no hotel. Pouco tempo depois, escutaram um veículo se aproximando, ele chegou à conclusão que era a família dela vindo atrás deles. Aurélio disse para Cinobe se trancar no quarto e que só abrisse se ele morresse. Quando o carro chegou, desceram seis homens que ele pensou que estavam ali para levar a moça de volta para casa, mas eram apenas pessoas "dele". Então ele mandou todos passarem na frente da porta para que ele pudesse identificar antes dele sair. Eles foram buscá-los, pois já que eles estavam realmente apaixonados, tinham arranjado uma forma de eles se casarem. No dia seguinte, o pai dela autorizou o casamento e eles se casaram no mesmo dia.

Em 1988, ela faleceu em um acidente de carro quando ia de Floriano para Bom Jesus. Como foi uma importante professora da região, o campus da Universidade Federal da cidade leva seu nome, Cinobelina Elvas.



Seu Aurélio também escreveu dois livros de poesia e dedicou uma delas a sua mãe no Dia das Mães: "As Duas Marias"

*Maria e Maria que alegria
Que ilumina e guia esse meu viver
Amo tanto as duas que é impossível
tanto amor aqui se escrever
Amor maior jamais existira
É belo, é puro, e santo de verdade
É o bálsamo sagrado da minha alma
que me levara um dia a eternidade
A primeira Maria que adoro é a mãe
sublime do meu redentor
Glorificá-la sempre a cada dia é a
prece desse filho pecador
A segunda Maria que amo tanto
Que enche de alegria a vida minha
É a outra santa que na terra adoro
Minha querida e santa mãezinha
Dia das Mães eu quero aqui
As duas Marias homenagear
Implorando para este pobre filho
Neste belo dia abençoar
Quando da vida eu partir para
sempre
E lá no assento eterno eu chegar
Eternamente as duas Marias
Poderei feliz glorificar
No céu os anjos do Senhor
Como em linda noite de Natal
Dão mil glórias à Virgem Maria
Na deslumbrante corte celestial
E o povo da nossa terra
Em sinal de gratidão
Lembra de outra Maria
Minha mãe do coração*



Seu Pedro de Sousa Brauna, com 70 anos de idade, conta que a cidade se desenvolveu muito. Quando voltou de Brasília, aos 29 anos, a cidade era muito pequena. Nessa volta, percebeu que Bom Jesus crescera muito nesses últimos anos, melhorando 2.000%. Ainda mais hoje, pois o prefeito atual vem trabalhando muito pela cidade. Ele considera a cidade muito calma, diante dos poucos crimes. Seu Pedro trabalha na Agespisa (Águas e Esgotos do Piauí) nesses 41 anos, completados em 19 de junho de 2019. Ele é aposentado há 10 anos, mas conta que trabalha porque gosta. Logo conhece a cidade por completo, mapas, nomes etc. Nesse tempo, relatou ter passado por muitas coisas, na sua maioria coisas boas, mas fala que já sofreu muito também.

Segundo ele a cidade melhorou muito por causa dos gaúchos que vieram para a região no final da década de 1980 por conta da produção de grãos, trazendo muitos empregos ("só não trabalha quem não quer") e desenvolvimento para região. Gosta muito do festejo da catedral, e aproveita para andar e conversar com os amigos, beber um refrigerante, além de gostar muito da parte religiosa. Ele disse que, quando fala da cidade de Bom Jesus, surgem nomes de reverência, como os da família Elvas, que, segundo ele, agem com respeito e contribuem muito para cidade.



Futebol profissional na cidade de Floriano/PI



O Estádio Tiberão, localizado na cidade de Floriano-PI, foi construído no Governo de Manoel Simplicio, ex-prefeito, e inaugurado em 1991 com capacidade para 4.500 pessoas. O nome foi dado por conta do bairro onde se localiza (Tiberão), que, por sua vez, tem esse nome em razão do jornalista, médico e político Tibério Barbosa Nunes. Os jogos mais importantes realizados no estádio foram a final do piauiense de 1995, um amistoso contra o Vasco da Gama, o Fortaleza e o Ferroviário, além de uma partida referente ao final do piauiense contra o time de Picos que terminou em briga.

Em 2017, com o primeiro mandato do prefeito Joel Rodrigues, o Estádio Tiberão se encontrava em situação de abandono, com a luz cortada e o gramado em péssima qualidade. No ano seguinte, ele passou por uma pequena reforma para solucionar esses problemas. Já em 2019, recebeu o campeonato piauiense sub-19, então passou por uma reforma maior, solucionando outros problemas que haviam ficado pendentes.



Cori Sabbá e nomes que se destacaram no time

O time da cidade, Cori Sabbá, foi criado em 1976. Nasceu da junção de dois times da cidade, que originou ao nome e cor, o Corinthians da Rua 7 e o Posto Sabbá. Tornou-se time profissional em 1991, tendo seus anos de glória na mesma época (anos 1990), quando chegou à final de três piauienses, ganhando uma e sendo campeão de vários turnos. Os principais nomes foram Valberto e Vanin, que fizeram sucesso no time, auxiliando na melhor classificação no campeonato piauiense. O time foi campeão em 1995, uma vitória que deu direito a jogar na Copa do Brasil. O jogo referente à copa do Brasil aconteceu em Teresina contra o Botafogo-SP, que era campeão brasileiro naquela época. O time ganhou de 1x0, com um gol do Valberto aos 45 minutos do 2º tempo, embaixo de chuva forte. O time teve mais oportunidades e uma delas foi participar da série C do campeonato brasileiro em 1995, terminando como lanterna do campeonato.

Carreira profissional do jogador Vanin

Faustivanio Fernandes Venâncio, mais conhecido como Vanin, nascido em Floriano em 16 de agosto de 1975, começou sua carreira ainda amadora pelo Cori Sabbá com 16 anos, passando por varios times amadores da região. Com 17 anos de idade, iniciou sua carreira profissional também pelo Cori Sabbá. Jogou



em 17 equipes, sendo as com maior destaque nacional o Atlético Paranaense (99-00), onde participou de seletivas para libertadores; Fluminense (00) e Figueirense (01), onde conseguiu o acesso à primeira divisão do Brasileiro, e no Estrela da

Amadora em Portugal (04), no ano em que o time conseguiu o acesso à primeira divisão do Campeonato Português. Ele encerrou sua carreira profissional de mais de 20 anos no Cori Sabbá, e hoje ainda trabalha com futebol, porém com escolas de base, pois o esporte é sua paixão.

Depoimento de um torcedor



Entramos em contato com um torcedor que acompanha o time há muito tempo. Pedro Barros relata que, em 1995, tinha 13 a 14 anos e assistiu grande parte dos jogos em Floriano. Ele conta que, na época, a rivalidade com o time de Picos era muito

grande: "Vinhm grandes caravanas de Picos assistir os jogos na cidade. A rivalidade era tão grande que era necessário que colocassem cordões de isolamento para evitar confusões, mas, ainda sim, existiam provocações de ambas as partes". Naquele ano, Pedro assistiu à final com o Cori Sabbá enfrentando o Caiçara, com o time da cidade ganhando de 2 a 0, ele relata que o jogo foi muito emocionante. "Tenho muitas lembranças daquela época, meu irmão me levava para assistir aos jogos e, como sempre gostei de futebol, minha paixão naquela época se fortaleceu. Ver o time da cidade ser campeão do estado me deu muito orgulho. Pena que o time já não é mais o mesmo, mas fica na lembrança, principalmente das charangas que tocavam do início ao fim das partidas."



AGRADECIMENTO

A equipe da Revista Cais Cultural gostaria de agradecer a Tiago Brito e Iorrana Oliveira (pela colaboração no processo de levantamento das informações), a Marcos Felipe (pela recepção e pela disponibilidade em acompanhar a equipe durante a estada) e a Ricardo Castro, diretor do CTF (pelo apoio para que fosse possível a viagem e por ceder todas as condições para a produção desta edição especial).



“Ao pensarmos em fazer turismo cultural e histórico, mesmo sendo em nosso próprio país, já imaginamos viajar para cidades em outros estados esquecendo da nossa própria terra, o Piauí. Através do desenvolvimento da revista Cais Cultural, tive a oportunidade de conhecer cidades e uma comunidade (Mimbó) que ficam ao lado de Floriano. Cidades em que eu, particularmente, julgava não haver nada de interessante, nem culturalmente, nem historicamente. Porém, com tal oportunidade, consegui ver que cada cidade, possui um pouco de cultura e história para contar. Desde "mitos" como em Oeiras, às histórias que complementam mais detalhadamente a história do Brasil em si, como a da comunidade Mimbó. Além de adquirir conhecimento histórico e Cultural, com o desenvolvimento da revista também absorvemos conhecimento em desenvolver a revista em si, tomando cuidado com parágrafos, reportagens, escolha das imagens e por aí em diante. No

final, podemos com orgulho lançar nosso trabalho para a população, espalhando a cultura e história do nosso Piauí, mostrando que na nossa própria cidade e em cidades vizinhas, há muita história e cultura para conhecermos e fazermos um passeio em família.”

Jarod Mateus de Sousa Cavalcante (3º ano – Informática, Ano 2019)

“A revista em si foi algo novo, que eu não sabia a dimensão do que podia proporcionar. O primeiro ganho foi a viagem a Oeiras, onde vi muita coisa bacana, apesar de ser tão perto de onde moro, lá é tão diferente culturalmente, a preservação [do patrimônio], o valor que as pessoas dão para as coisas e para as histórias. Em seguida, tivemos que escolher algo para falar na reportagem secundária da edição, lembrei das histórias dos casarões e sugeri falarmos de um famoso casarão no município de Barão do Grajaú/MA, onde moro. Essa ideia veio em boa hora, visto que fui atrás de saber sobre a história do casarão da família Barros e fiquei encantado com a história e as pessoas que fazem parte dessa linda história. Logo, além do ganho acadêmico ao fazer parte de uma revista, também tenho certeza que ganhamos experiências e história. No meu caso, ganhei conhecimento sobre minha terra porque só vim saber da história daquela casa apenas aos 17 anos. Isso demonstrou como nós, baronenses, não damos importância para o que temos. E é incrível também poder contar essa história em uma revista que irá circular por muitos lugares.”

Jairan Azevedo (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)



“Organizar uma revista do projeto Cais Cultural já em uma oportunidade imensa de adquirir vários conhecimentos, agora imagina ajudar a organizar duas, foi essa a minha experiência que o LPT me proporcionou. Ter disposição, conhecer e escrever sobre duas cidades, duas culturas é satisfatório, que só enriqueceram o meu vocabulário desde então. É incrível que há diferentes histórias, culturas, pessoas e cidades a poucos quilômetros de distância e que isso só foi possível através do Cais Cultural. Hoje agradeço a todos que estiveram comigo na produção das duas revistas e ao que me proporcionou essas experiências. “

Luiza de Oliveira (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)

“A experiência na revista Cais Cultural foi uma coisa muito importante na minha vida acadêmica e pessoal, tanto que foi o projeto que mais chamou minha atenção, o que mais me envolvi. Com ele tive a oportunidade de escrever uma reportagem para uma revista (coisa que jamais imaginei fazer). Gostei tanto da minha edição (sobre a comunidade quilombola Mimbó) que estou participando desta edição especial. Tive a oportunidade de conhecer novas culturas, conhecer novas pessoas e de certa forma passear e me divertir. É muito gratificante depois de muito trabalho ver a revista toda diagramada e impressa. Só quem escreveu, sabe a emoção.”

Pedro Rubens Ferreira Sousa (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)

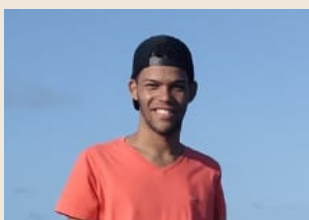


“Entender como que um povo vive, a realidade de outra pessoa de um grupo são experiências realmente muito enriquecedoras. A gente aprende a olhar o lado do outro, descobre muitas coisas, vai com um pensamento e volta com outro totalmente diferente, pois passamos a entender a história de um povo. Conhecer, aprender e escrever sobre determinadas culturas e tradições foi além da sala de aula, foi um ensinamento não só pra vida acadêmica, mas para a nossa vida pessoa. Esse processo de ler e entender a ideias abre na cabeça do aluno um leque de experiências, em que vai precisar primeiro ler e conhecer aquele ponto que vai ser estudado e depois escrever, a partir da entrevista. Nesse momento, a gente deixa de ser aluno e passa a ser um escritor ou até mesmo um repórter, logo proporcionar isso para um aluno é de grande importância, porque enriquece e muito o currículo e a bagagem daquele jovem. Receber a diagramação da revista já pronta é muito incrível. Você olha para revista e ver uma coisa profissional e são suas palavras, o seu texto que está dentro da revista, aquilo que você virou horas escrevendo, mas ali é onde você percebe que valeu cada esforço, cada minuto. Na hora que eu recebi a revista, eu quase fico louco, uma enorme sensação de orgulho e eu só tenho a agradecer pela oportunidade de fazer parte da Revista Cais Cultural.”

Diego Rocha (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)

“Falar sobre a experiência que foi fazer a CC é sem sombra de dúvida um assunto que sempre me deixa com o coração cheio de orgulho por ter feito parte de uma edição tão bem elaborada. A revista proporciona aos estudantes conhecer lugares incríveis, culturas importantes e principalmente conhecer pessoas com histórias que marcam até hoje a trajetória de várias cidades do Piauí. A edição de Amarante, da qual eu participei estava lindíssima e realizamos um excelente lançamento na Câmara Municipal de Amarante. As pessoas ficaram encantadas por ver alunos de ensino médio produzindo uma revista tão cheia de conteúdo. Logo, só tenho a agradecer ao CC por essa oportunidade incrível!”

Fernanda Martins (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)



“O Cais Cultural foi um dos projetos mais bem elaborados do CTF e eu tive a grande oportunidade de participar. Nele, o estudante cria sua própria revista com ajuda de seus parceiros de grupo, construindo reportagens sobre diversos temas da cultura piauiense. Dessa forma, o estudante não só traz novas informações para os leitores como também aprende sobre os aspectos positivos e negativos ao redor de sua cidade.”

Guilherme Miranda (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)

“O Cais Cultural hoje é um dos melhores projetos que participei ao longo dos três anos dentro do Colégio Técnico de Floriano. Foi uma experiência única, que tive a oportunidade de descobrir histórias e culturas antes desconhecidas. Novas experiências que mudaram a minha maneira de pensar e ver o mundo. Passamos por momentos incríveis, por exemplo, de se envolver com nova cultura na comunidade Mimbó, em Amarante. Agradeço ao Ribamar e a todo o meu grupo.”

Weverton Aragão (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)



“A Revista Cais Cultural foi de grande ajuda, principalmente na questão da escrita, pois tivemos que contar a história de um povo que eu nunca tinha ouvido falar: comunidade Mimbó. Isso foi de extrema responsabilidade, visto que estávamos contando a história de um povo para outras pessoas que não tinham muito ou nenhuma informação sobre eles. Além de ter ajudado na vida acadêmica, em razão da criação de conteúdos para uma revista, foi muito bom conhecer uma realidade diferente da minha, a qual eu não fazia a mínima ideia que existia e que ficasse tão perto de mim. Foi possível conversar, perguntar e tirar todas as dúvidas, além de saber como se deu a criação da comunidade e também assistir a uma dança típica deles. Observando e analisando no geral sobre a revista, é perceptível que foi bem produtivo tanto na minha vida acadêmica como na social.”

Ana Vitória Cavalcante (3º ano – Informática, 2019)

DICAS

LIVRO

O que será – Jean Wyllys

Proveniente de uma cidadezinha no interior da Bahia e de família carente, Jean Wyllys luta com o preconceito e descrença do seu potencial desde muito novo. Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), ficou famoso ao vencer a 5ª edição do Big Brother Brasil e conseguiu ser eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro por 3 mandatos consecutivos, representando com garra o direito das minorias e dos homossexuais perante a Câmara Federal. Nesse livro, Jean relata sua trajetória de vida desde muito novo na Bahia até a difícil decisão de desistir do mandato e ir embora do Brasil.

SERIADO

How to Get Away with Murder – Shonda Rimes

Annalise Keating é uma advogada de defesa criminal e professora de direito na Universidade de Middleton, na Filadélfia. Ela seleciona cinco de seus melhores alunos para trabalhar em seu escritório: Wes Gibbins, Connor Walsh, Michaela Pratt, Laurel Castillo e Asher Millstone. Annalise vive uma vida dupla, com o marido psicólogo e seu amante policial, até que sua vida pessoal e profissional começa a tomar outros caminhos, quando, de repente, ela e seus alunos se veem envolvidos em vários assassinatos, processos e conflitos.

FILME

Bohemian Rhapsody O filme que carrega o nome de uma das mais famosas músicas da banda de rock Queen conta a história da banda sob a visão do inesquecível vocalista Freddie Mercury. A película apresenta desde o início do grupo, como se juntaram para formar a banda, as intrigas que rolaram, as histórias das composições da banda, os seus momentos bons e ruins até o momento em que tocaram no Live Aid, momento em que ganharam mais fama. O motivo disso? Só assistindo para saber. Então assista essa "biografia" cheia de emoções.



“Escrever uma revista foi um desafio, quando você começa a se envolver com os projetos LPT lá no 1º ano e consolida esse ciclo ao fim do 3º com a produção do Cais Cultural é gratificante notar o seu crescimento, tanto no meio acadêmico como pessoal. O Cais acima de tudo te engratece pessoalmente, com as experiências vivenciadas, a cultura e as pessoas daquele local, como foi na edição de Bom Jesus, mesmo com todos os imprevistos ocorridos proporcionou histórias maravilhosas e que com certeza marcaram bastante minha vida.”

Maria Eduarda (3º ano – Agropecuária, Ano 2019)



www.labproducaotextual.com

